

---

*Patativa do Assaré: As razões da emoção (capítulos de uma poética sertaneja).*  
São Paulo/Fortaleza: Nankin/Editora UFC, 2004,  
de Cláudio Henrique Sales Andrade

Paulo César Carneiro Lopes  
Doutor em Literatura Brasileira – USP;  
Professor na graduação e pesquisador – Unicastelo.  
huan@terra.com.br, São Paulo [Brasil]

Patativa do Assaré, cuja obra é estudada por Cláudio Henrique Sales Andrade neste livro, mantém uma relação especular com Guimarães Rosa. Enquanto Rosa é um autor de fina cultura erudita, que olha com amor e respeito para a cultura do sertão, dialogando com ela, Patativa é o artista formado pela cultura popular que olha e dialoga com a cultura erudita.

Andrade, por sua vez, graduado em Ciências Sociais, Letras, mestre em Literatura Brasileira e, tendo também a oportunidade de viver em Assaré e conviver com o grande poeta, oferece-nos por meio de seus estudos sobre a obra de Patativa, – e digo isto sem medo de errar – um dos mais instigantes ensaios literários produzidos no Brasil nos últimos anos.

Costuma-se dizer que a cultura moderna se fundamenta na razão e que a cultura popular em sentimentos, como o medo, por exemplo, sendo por isso, em grande parte, irracional, o que não é a verdade. Primeiro porque, como muitos já denunciaram, a razão que alicerça a cultura moderna não é “a razão”, é uma das suas manifestações: a razão analítica, técnico-instrumental. Além disso, a razão não é, de fato, o mesmo fundamento desta ou de outra cultura; em níveis mais profundos que ela estão valores específicos da modernidade – muitas vezes não confessados – como o desejo de poder.

Por outro lado, como indica o título do livro, também as emoções têm suas razões, mesmo quando não explicitadas. E o que vemos no desenvolvimento deste trabalho é exatamente isto: uma reflexão teórica que nasce de um olhar profundo sobre um escutar atento da obra, que o grande poeta criou por meio de suas intuições estéticas. Não se trata, portanto, de um texto que reproduz o outro, e sim de algo novo nascido do reconhecimento do valor próprio desse outro, o que pode ser constatado desde o primeiro ensaio que compõe a obra: “Retrato imperfeito de um grande poeta – uma pequena biografia intelectual”, que apre-

---

senta e interpreta o processo de formação do artista, que menino ainda, diante do prazer da experiência estética dada pela oitava de cantadores populares, revela-se também poeta, intuindo que pode falar do que quiser através da poesia.

Mais tarde, Patativa passaria quatro meses na escola e, apesar do curto contato com ela, mostrar-se-ia grande estudioso, fazendo explicitamente o elogio ao estudo – visto como tarefa árdua, fundamental – ao qual dedicou durante grande parte da sua vida, tendo estudado muitos poetas da cultura oficial e, inclusive, tratados de poética.

Dois dados apresentados nesta biografia são de suma importância para a poesia de Patativa: a conversão deste à causa dos sofrendores, quando, ainda rapazinho, desenvolve um forte senso de compaixão pelos animais que antes caçava, e a experiência que teve, ainda criança – que é cuidadosamente analisada por Andrade – em relação à beleza, à poesia, em oposição à miséria. Para o poeta, a vivência no belo foi mais que uma promessa de felicidade, foi a felicidade já presente, falando da possibilidade de sua plenitude.

Na seqüência do trabalho, vamos encontrar uma bela apresentação da poesia popular brasileira. O autor nos mostra, com farta documentação e análises, como essa poesia é muito mais complexa do que podem imaginar os “sábios” da academia ou da “indústria cultural”.

Não se trata de digressão ilustrativa; o que fica claro, para quem lê, é que Patativa não é um gênio isolado, perdido na pobreza do sertão; ele é filho desse sertão, dessa cultura, e sua obra é uma síntese magnífica disso.

O traço mais característico dessa cultura, presente na poesia, parece ser sua estrutura dual, que, se por um lado aponta para um mundo dividido; por outro revela aquele que talvez seja o

principal valor dessa cultura, o desejo de comunicação. Se até no nome existe a presença da luta – refiro-me aqui aos “duelos” de cantadores, analisados no livro – trata-se, como o autor deixa claro, mais de um diálogo do que de uma luta de vida ou morte. Um diálogo que aceita a presença do diferente e a convivência com ele.

Depois deste estudo que nos mostra Patativa como autêntico intelectual da cultura popular – sua principal fonte de pesquisa e da qual ele é também um dos seus principais representantes –, Andrade nos apresenta minuciosas análises dos poemas do cordelista. E o que se nos revela a partir dessas leituras é a demonstração mais cabal da capacidade de a cultura popular incorporar as novidades de cada momento histórico.

O grande tema analisado a partir daí é a problemática camponesa no Brasil contemporâneo. As análises de Andrade nos revelam a impressionante capacidade de Patativa para captar e traduzir esteticamente essas questões, sem nunca ser “panfletário” – no sentido de perder o estético –, e sem nunca forçar os limites de consciência de seus personagens ou eu-líricos, indo, entretanto, até a raiz do problema.

Entre seus “estratagemas” um dos mais interessantes é o modo de usar a linguagem. Verdadeiro poliglota do português, Patativa conhece tanto sua variante erudita quanto a popular. Pode, portanto, usá-las conforme seus interesses e opta, com frequência muito maior, pela popular, buscando uma valorização simbólica da língua e de sua cultura. Como Rosa, Patativa utiliza a língua dos pobres de sua região, de forma séria; faz poesia de altíssima qualidade, resistindo, por meio deste seu ato, à violência dos ricos, que procuram negar, pelo ridículo, a beleza e o valor dessa cultura.

---

Os dois últimos poemas analisados tratam do conflito entre pobres e ricos, de forma direta. O autor escreve um ensaio para cada um deles e fecha, brilhantemente seu trabalho. Os poemas são “O caçadô” e o belíssimo “A terra é naturá”. E apesar de cada um merecer um capítulo à parte, e de manterem certa independência, há um fio de continuidade entre a primeira e a segunda análise que representa o próprio processo de desenvolvimento da consciência crítica de nosso povo.

Interessante observar que, desde suas origens, houve, em nossa cultura popular, uma profunda desconfiança em relação aos ricos, que, no entanto, não era nem poderia ser considerada uma tomada de consciência de classe. A partir da segunda metade do século XX, os pobres, sem negar seu mundo simbólico – ao contrário, valendo-se dele, de suas potencialidades críticas –, começaram a se organizar em movimentos reivindicatórios. Vários teólogos que trabalhavam com o povo passaram a sistematizar a teoria

desta prática: foi assim que nasceu a Teologia da Libertação.

É essa nova visão da cultura popular que está presente no poema “A terra é naturá”. Com todo acerto, Andrade mostra, no seu trabalho, paralelos entre a visão do mundo, apresentada no poema de Patativa e a Teologia da Libertação. Enquanto esta, em grande parte, é a sistematização teórica de uma certa prática da cultura popular, a obra de Patativa é uma expressão estética extremamente abrangente, englobando, inclusive, essa dimensão mais recente, na qual o senso crítico vai formando a consciência crítica.

Composto de ensaios que guardam entre si relativa independência, o livro, porém, é um conjunto harmônico que podemos reconhecer como um único ensaio. E, finda a leitura deste ensaio – ensaio literário no sentido mais amplo do termo, por ser literatura e não apenas por falar de literatura – ficamos com a agradável sensação de termos lido uma bela narração: a história bonita de um sonho que vai-se realizando.